

AS ETAPAS DA PERSONALIDADE
NA CRIANÇA (1)

UFS - POSGRAP - NPGM



WALLON, Henri. Objectivos e métodos
da Psicologia
Lisboa: Editorial Estampa, 1975

base. e desenv.

A palavra *personalidade* é considerada aqui no sentido do ser total, físico-psíquico e tal como ele se manifesta pelo conjunto do seu comportamento. O crescimento somático e mental parece por vezes considerado sob a forma dum progresso puramente quantitativo, no qual centímetros de altura e de inteligência se adicionariam entre si como quantidades homogéneas. É pelo menos o que implica, por exemplo, a noção de idade intelectual, pois que no seu cálculo podem intervir os resultados de provas que se dispersam estatisticamente ao longo das diferentes idades.

O crescimento do corpo e o do espírito são consequência de mudanças na sua economia total, onde períodos sucessivos podem mesmo parecer opor-se entre si. Existem no desenvolvimento dum ser vivo metamorfoses que são bastante aparentes em algumas espécies, por exemplo nos insectos, mas das quais se pode supor a existência nos mamíferos e no homem. Mais ou menos visíveis, estas mudanças são o resultado de modificações nas reacções ínti-

(1) Extraído de «Le problème des stades en psychologie de l'enfant», Paris, PUF, 1956 (Relatório do Simposium da Associação de Psicologia Científica de língua francesa, Genebra, 1955).

mas do organismo e têm por efeito novas condições de existência.

Pode-se distinguir nestas mudanças *fases e etapas* ou *estádios*. As fases correspondem à alternância que se observa entre os momentos em que a energia se gasta e aqueles em que ela é colocada de reserva ou restaurada. Fisiologicamente é a alternância das reacções metabólicas e anabólicas, em particular o caso do sono e da vigília. Conhece-se a importância do sono no lactente. A sua duração ultrapassa de longe o tempo requerido para separar os dispêndios de energia que ele pôde fazer no estado de vigília. Isto porque uma considerável proporção das substâncias energéticas que ele incorpora é utilizada na construção do seu organismo. Há mesmo uma etapa da vida, a da vida intra-uterina, que a fase do sono preenche exclusivamente. Os órgãos dos sentidos e os centros nervosos, ainda em desenvolvimento, estão ao abrigo de qualquer excitação exterior e sabe-se experimentalmente que, privado de impressões sensoriais, um animal só muito difícil e incompletamente pode ser arrancado do sono. Após o nascimento, a parte diária do sono tende a diminuir gradualmente à medida que os exercícios funcionais vêm juntar-se à formação dos órgãos. Entretanto podem alternar períodos de relativa latência ou de maior actividade, conforme o impliquem a elaboração da pessoa ou as suas reacções de adaptação. Existem épocas de maturação orgânica, às quais sucedem períodos em que esta maturação é utilizada em exercícios apropriados. Assim se podem explicar os factos, frequentemente contestados, de antecipação funcional, a seguir de pausa ou mesmo de aparente regressão consecutiva. O encontro de circunstâncias favoráveis tinha permitido que a função se anunciasse. Mas para a constância das suas manifestações, é necessário que o seu substrato orgânico se prepare.

Entre estas alternâncias ana-catabólicas e as etapas ou estádios do desenvolvimento existem coin-

cidências, mas de forma muitas vezes aproximativa e variável. Aquilo que se pode identificar como um estágio pode mesmo apresentar sucessivamente os dois tipos de fases como teremos ocasião de o mostrar.

A primeira etapa do desenvolvimento é a da *vida intra-uterina*. Ela coincide com uma fase de anabolismo quase total. Não existem, no entanto, sem comportar, a partir do quarto mês de gravidez, reacções motoras que podem responder a excitações internas ou até externas por intermédio da mãe. É já um dispêndio funcional, por mínimo que seja. Entretanto o organismo materno satisfaz, salvo deficiência patológica, todas as necessidades do feto e deve mesmo antecipar o sentimento de necessidade. Trata-se dum caso de parasitismo radical ou mais precisamente de total dependência biológica. As reacções motoras do feto são reflexos de postura como será possível ainda observá-los no recém-nascido e sobretudo no prematuro, mas que rapidamente perdem a sua autonomia e são rapidamente integrados em comportamentos motores menos elementares. São reacções globais em que atitudes determinadas do tronco e dos membros correspondem às diferentes orientações da cabeça e aos seus deslocamentos no espaço ou ainda às variadas flexões do pescoço.

O nascimento marca o começo duma nova etapa. Quanto às necessidades de oxigénio, a criança já só depende de si própria. O seu primeiro reflexo respiratório está ligado à sua entrada no mundo com ar. Para tudo o resto, ele exige a assistência do seu meio ambiente e particularmente da mãe. Mas, contrariamente ao seu período fetal, a satisfação das suas necessidades já não é automática. Ela pode retardar sobre elas. Conhecerá então os sofrimentos da espera ou da privação, que se traduzirão exteriormente por espasmos, crispações e gritos. Neste estágio, os seus gestos têm algo de explosivo; não são orientados e assemelham-se mais a crises moto-

ras do que a movimentos coordenados. São simples descargas musculares, que respeitam normalmente ao tronco e que são tão sacudidas e vagas nos membros superiores como precipitadas e automáticas nos membros inferiores, as pernas como que animadas por um movimento de pedalagem e os pés por um constante exercício a partir da contracção poplíteia. É um estágio de *impulsividade motora*.

No decorrer deste período, os progressos consistem numa repartição menos caprichosa do tonus através dos músculos, em pontos de apoio tomados no meio exterior para mudar de posição, e também na formação de reflexos condicionados que se ligam principalmente às duas grandes necessidades da criança: as suas necessidades alimentares e as suas necessidades posturais (necessidades de mudança de posição, de ser transportado ou embalado).

Mas o que prepara o estágio seguinte é o carácter expressivo que assumem as reacções condicionadas. Sendo os gritos da criança muitas vezes acalmados pelo biberão, tornam-se sinal de desejo alimentar. Podendo a atitude da mãe ser de aquiescência ou de recusa, estabelece-se entre ambos todo um sistema de compreensão mútua por meio de gestos, atitudes ou mímica, cuja base é nitidamente afectiva. No estado de total imperícia em que se encontra a criança com respeito às coisas, as relações deste tipo com outrem são o único meio que possui para obter as satisfações mais essenciais da sua existência. Elas ascendem ao primeiro plano da sua vida psíquica. Com a idade de 6 meses, ela sabe manifestar uma extensa gama de expressões emocionais: cólera, dor, tristeza, alegria. Desde há muito tempo que já sabe responder com um sorriso ao de sua mãe.

Este estágio pode ser chamado *estádio emocional*. A criança é por ele unida ao seu ambiente familiar de forma de tal modo íntima, que parece não saber distinguir-se dele. A sua personalidade parece difundir em tudo que o toca. É um período de sub-

jectivismo radical, de sincretismo subjectivo. Por um efeito inverso, uma espécie de osmose com o ambiente parece enriquecer a sua sensibilidade. Não seria possível exagerar o papel da afectividade em todos os progressos que marcam esta época da existência. É uma verdadeira simbiose afectiva após a simbiose orgânica do período fetal.

O estágio que se segue pelo fim do primeiro ano ou começo do segundo está, pelo contrário, quase totalmente virado para o mundo exterior. Poder-se-ia dizer que é o início do reflexo chamado por Pávlov *reflexo de orientação* ou de *investigação*. A criança responde às impressões que as coisas exercem sobre ela por gestos para elas dirigidos. Não é que já saiba identificá-las mesmo no plano puramente perceptivo nem por si própria. Ananiev verificou que por volta de um ano de idade a criança não sabe distinguir o objecto do seu próprio corpo quando colocado sobre o seu peito e que os únicos objectos pelos quais é capaz de se interessar são aqueles que lhe foram primeiramente propostos pelo adulto. Mas a sua actividade sensório-motora torna-se rapidamente muito diversa sob o estímulo do que se chama a *lei do efeito*. As investigações da criança fazem-na descobrir as qualidades das coisas ao mesmo tempo que educam e aguçam a sua própria sensibilidade. O resultado obtido, quer em si própria quer nos objectos, pelas suas manipulações incita-a a repetir o mesmo gesto para de novo obter o efeito, depois a ultrapassar esta actividade circular modificando o gesto para observar as modificações do efeito.

Nesta idade, a maturação progressiva dos centros nervosos ligou entre eles diferentes campos sensoriais e motores do córtex cerebral. Deste modo, todas as explorações da mão podem dar os seus resultados. Mas não são suficientes. Não vão além do «espaço próximo», aquele que tem por raio de acção o comprimento do braço. A actividade *sensório-motora*, a dominante neste estágio, deve, portanto, ser

prolongada por duas outras cujos começos preencham o segundo ano: a *marcha* e a *palavra*.

Apenas os deslocamentos activos da criança lhe permitirão integrar no mesmo espaço contínuo os seus sucessivos envolvimentos. Só o poder de reduzir pessoalmente as distâncias lhe tornará sensível o lugar relativo dos objectos que ela aproxima ou dos quais se afasta. A descoberta deste espaço locomotor começa por fazer-lhe sentir a espécie de inebriamente que traduzem as suas corridas dum lado para o outro, duma sala para a outra. Mas ao mesmo tempo ela identifica mais completamente os objectos que descobre ou que reencontra com facilidade.

A linguagem vai também contribuir para esta identificação. As primeiras perguntas das crianças referem-se aos nomes dos objectos e aos lugares em que eles se encontram. Aí estão duas coordenadas primitivas que lhe permitem autenticar-lhes a existência e a natureza. O nome ajuda a criança a separar o objecto do conjunto perceptivo em que se insere. Fhá-lo permanecer para lá da impressão presente. Permite uni-lo a objectos parecidos: uma chávena é uma chávena, quaisquer que sejam a sua forma, tamanho e cor.

Durante o período em que se efectivam estes progressos do conhecimento, prepara-se um outro estádio, que lembra o estádio emotivo, embora opondo-se-lhe. Nos dois casos é o sujeito que está em causa. Mas no primeiro a pessoa da criança está como que misturada com o ambiente; no segundo, ela parece contrair-se em núcleo de resistência, depois pretender apropriar-se dele. No intervalo inserem-se nos dois pólos duma mesma situação, de modo a ser sucessivamente a personagem activa e o paciente, como se procurasse experimentar os dois aspectos complementares sem ser ainda capaz de fixar neles o seu próprio lugar. É a estes jogos de alternância, dar e receber uma palmada, esconder-se e procurar, que se aparentam os monólogos dialogados em que a criança empresta a sua

voz a dois interlocutores que se responderiam com uma entoação diferente.

É então que por volta dos três anos começa o *estádio do personalismo* que possui três períodos de aspectos frequentemente inversos, mas tendo todos por objecto a independência e o enriquecimento do *eu*. O primeiro é acima de tudo de *oposição* e de *inibição*. Ao mesmo tempo que cessam os jogos de alternância, torna-se habitual uma atitude de recusa como se a única preocupação da criança fosse salvaguardar a autonomia, novamente descoberta, da sua pessoa. A consciência que ganha de si própria vê-se no emprego mais apropriado que ela faz dos pronomes. Já não fala de si própria na terceira pessoa como dela muitas vezes falava quem a rodeava. O *eu* e o *mim* passam a ter aqui em diante todo o seu significado. Da mesma maneira o possessivo *meu* fixa nas coisas direitos duradouros, prerrogativas ou pretensões do eu. A manha pode fazer-se aparecer para lhe causar triunfos e para dela tirar vantagem em relação aos outros.

A este período de defesa e de reivindicação sucede outro em que o eu tende a fazer-se valer e a recolher apoios. É aquele que Homburger denominou *período do encanto*. A criança pretende-se sedutora aos olhos dos outros e para sua própria satisfação. É uma idade de narcisismo. Mas em breve são-lhe necessários novos méritos que quer adquirir imitando os outros. Já não se trata de reivindicação, mas dum esforço de substituição pessoal por imitação. Em vez de ser de simples gestos, a imitação passará a ser dum papel, duma personagem, dum ser preferido e muitas vezes invejado.

Entretanto este desejo de autonomia ou de preponderância total não se processa sem uma estreita dependência face ao meio imediato. Dos 3 aos 5 anos, a criança continua profundamente inserida no seu meio familiar. As suas relações com os seus, o lugar que ocupa entre os irmãos e irmãs, fazem parte da sua própria identidade pessoal. Ela não

sabe distinguir-se da condição que lhe cabe na constelação familiar. Daí a gravidade das impressões que é susceptível de sentir. As suas frustrações ou as suas arrogâncias não reprimidas são capazes de impor aos seus sentimentos e ao seu comportamento uma orientação duradoura. Foi dito que se trata duma idade particularmente propícia à formação de «complexos». Certamente, mas no sentido em que, encontrando-se todo o seu ser na situação que o ofende ou que o exalta, a criança sofre essa influência sem contrapeso e que ela terá muito maior dificuldade em dela se escapar na sua evolução ulterior.

Com o estágio seguinte, o que vai dos 6 aos 11 anos, o sincretismo da pessoa e da inteligência vão poder resolver-se, dando lugar às *diferenciações* necessárias. Deve ser por esse motivo que esta idade corresponde em todos os países à idade *escolar*. As relações exigidas pela camaradagem e pela disciplina são muito mais variáveis do que na família e devem poder mudar conforme o ambiente e as circunstâncias, elas próprias mutáveis. Aprenderá a conhecer-se como uma *personalidade polivalente*, considerando evidentemente temperamentos mais ou menos maleáveis ou rígidos. Ao ajustar as suas condutas às circunstâncias particulares, longe de se dispersar indefinidamente, ela tomará consciência das suas virtualidades; terá de si própria um mais preciso e completo conhecimento.

Uma semelhante evolução se opera no domínio da percepção e do conhecimento. Os diferentes traços dos objectos ou das situações, em vez de serem confundidos entre si em cada conjunto, tornam possíveis comparações, distinções, assimilações sistemáticas e coerentes. É o aparecimento do *pensamento categorial*, a capacidade de variar as classificações conforme as qualidades das coisas, de definir as suas diferentes propriedades e, segundo a expressão de Piaget, de não mais confundir os seus «invariantes» entre si.

Uma etapa movimentada, e de importância capital, separa ainda a criança do adulto em que tende a tornar-se, a da *puberdade* e da *adolescência*, cujas fases são diversas, contrastadas, mas complementares. Como na crise dos 3 anos, as exigências da personalidade passam de novo ao primeiro plano. São as necessidades do eu que parecem absorver e abarcar as disponibilidades do sujeito. Mas surgem também momentos nos quais a energia se despende em manifestações exteriores que por vezes tomam o aspecto de paroxismos passionais. É a idade em que os sentimentos possuem a mais evidente ambivalência: timidez e arrogância, vaidade e gozo dos outros alternam e muitas vezes combinam-se. O mais absoluto egoísmo e o sacrifício pessoal andam a par; só as circunstâncias parecem por vezes decidir qual dos dois prevalecerá. Muitas vezes o sujeito espanta-se perante si próprio e sente a preocupação de já não se conhecer. Encontra-se deslocado da sua própria pessoa ou então é no seu passado que ele já não sabe reconhecer-se.

Em presença das mudanças que nele se operam, tem a impressão do mistério, o que o torna mais indeciso nas suas relações sociais, embora muitas vezes também agudize a sua actividade intelectual. Saindo do positivismo raso da idade anterior, parece-lhe indispensável descobrir a razão de ser das coisas e das pessoas, a sua origem, o seu destino. O mundo ganha uma nova dimensão. Preocupação metafísica sem dúvida, mas que, convenientemente alimentada e guiada, pode tornar-se em preocupação científica das causas e em preocupação das responsabilidades familiares ou sociais. Assim podem ainda alternar e combinar-se o espírito de dúvida e o de construção, de invenção, de descoberta, de aventura e de criação.

Acontece que o adolescente apaixonar-se por este ou aquele tipo de estudos, julga-se poeta, pensador ou artista. São experiências muitas vezes completamente imaginárias pelas quais põe à prova a sua

personalidade. Mas o que não é imaginário são as novas aptidões de raciocínio e o poder de combinação, quer mentais quer materiais, que apenas aparecem no momento da evolução pubertária.

Assim todas as etapas que conduzem a criança do nascimento à idade adulta mostram uma ligação estreita entre a evolução da sua personalidade e a da sua inteligência.

PÁVLOVISMO E PSICOLOGIA (1)

Há cinco anos realizou-se em Moscovo uma conferência de psicólogos soviéticos em que foi discutida a orientação a dar às suas investigações. Chegaram à conclusão que as ideias de Pávlov ocupavam aí um lugar demasiado pequeno e que deveriam ser sistematicamente alargadas ao estudo do homem e mais particularmente ao da criança. Este conselho foi seguido. Alguns dos trabalhos publicados sob esta inspiração são hoje publicados pelas Editions de la Nouvelle Critique (2). Ver-se-á que não são uma simples aplicação dos processos utilizados no laboratório com cães, mas que a ciência soviética está em perpétua evolução e que a etapa de ontem é substituída já sem parar por novas etapas (3). Por outro lado, Pávlov tinha aberto largas perspectivas e indicado que existe no homem um sistema de reflexos condicionados diferente do sistema que lhe é comum com o animal, mas apto a interferir nele e a modificá-lo profundamente: o sistema da linguagem.

(1) Artigo extraído de «La nouvelle critique», Julho-Agosto de 1955.

(2) *Questions Scientifiques*, VI, *Psychologie, Activité Nerveuse Supérieure*, 192 páginas.

(3) Ver nomeadamente Rubinstein, *Problèmes de théorie psychologique, obra citada.*